

## ENTRE CRÔNICA E REPORTAGEM, FAMILIARIDADE E EXOTISMO: FRANÇOISE EM PARIS (*LA PATRIE*, 1900)

## BETWEEN CHRONICLE AND REPORTAGE, FAMILIARITY AND EXOTICISM: FRANÇOISE IN PARIS (*LA PATRIE*, 1900)

*Guillaume Pinson*<sup>1</sup>

RESUMO: Por volta de 1900, a imprensa quebequense passa por grandes transformações. Jornais como *La Presse*, *La Patrie* e *Montreal Star* passam a priorizar a informação e a reportagem. Contudo, ainda pouco se conhece sobre a história da reportagem no Québec. Neste artigo, proponho-me a analisar principalmente as crônicas de Françoise (pseudônimo de Robertine Barry), exemplo ímpar da transição poética entre a crônica e a reportagem no Canadá francês. Os textos que Françoise publica em *La Patrie* por ocasião da Exposição Universal de 1900 se mostram ao mesmo tempo como crônica mundana expatriada, crítica cultural, narrativa de viagem e reportagem. Esta é a hibridez genérica que pretendemos investigar a partir da reflexão sobre diversos aspectos deste *corpus*: o de ter sido escrito por uma mulher jornalista, grande figura ligada ao gênero mais antigo da crônica, praticante de uma reportagem que não se anuncia como tal. Há nesses textos uma série de traços característicos dos primórdios da reportagem quebequense, que se baseia em empréstimos de gêneros mais familiares como a crônica e se interessa por objetos culturalmente e linguisticamente próximos, mas geograficamente distantes. A partir desse estudo, poderemos, portanto, compreender como a reportagem se impôs progressivamente adotando alguns procedimentos típicos da crônica.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica. Reportagem. Québec. Françoise. *La Patrie*.

ABSTRACT: By 1900, the press in Quebec undergoes major changes. Newspapers such as *La Presse*, *La Patrie* and *Montreal Star* prioritize the information and the *reportage*. However, little is known about the history of the *reportage* in Quebec. In this article, I propose to analyze the chronicles of Françoise (Robertine Barry's pseudonym), great example of poetic transition between the *chronique* and *reportage* in the French Canada. The texts published by Françoise in *La Patrie* during the Universal Exhibition of 1900 are composed at the same time as expatriated mundane chronicles, cultural criticisms, travel narratives and *reportages*. We intend to investigate this generic

---

<sup>1</sup> Université Laval (Canadá). Artigo traduzido por Yuri Cerqueira dos Anjos

hybridity paying attention to various aspects of this *corpus*: written by a female journalist, great figure linked to an older genre, the chronicle, and writer of reportages that are not announced as such. In those texts we can observe a number of characteristic features of the early news writing in Québec, which is constantly transposing procedures from more familiar genres such as the chronicle, while also interested in objects that are culturally and linguistically close, but geographically distant. With this study, we can understand how the *reportage* progressively imposes itself by adopting some typical procedures of the chronicle writing.

KEYWORDS: Chronicle. *Reportage*. Québec. Françoise. *La Patrie*.

## ENTRE CRÔNICA E REPORTAGEM, FAMILIARIDADE E EXOTISMO: FRANÇOISE EM PARIS (*LA PATRIE*, 1900)

### A GLOBALIZAÇÃO MIDIÁTICA FRANCÓFONA

O presente artigo se situa na perspectiva de uma pesquisa que visa compreender melhor a história midiática global do mundo francófono no século XIX, sobretudo na Europa e na América do Norte. Nossa hipótese é de que, por volta dos anos 1840, o sistema francófono de informação entrou em uma fase de expansão, inédita por sua amplitude e por sua capacidade de conectar as imprensas de diversos continentes, de fazer circular certo *corpus* e de constituir grandes imaginários coletivos. No coração do século, diversos espaços francófonos desenvolveram periódicos muito ativos, que tendem a se citar reciprocamente, trocar notícias e textos, constituindo assim, para além dos limites dos continentes, uma obra jornalística coletiva. Nesse sistema, alguns nós e regiões de tráfego importantes se impõem: Paris, claro, na Europa, Montreal, no Canadá, Nova Iorque (com seu *Courrier des États Unis*), Nova Orleans e, certamente, mais ao sul, outras cidades como a Cidade do México e o Rio de Janeiro, incluídas nesse sistema. Certas vias transatlânticas e continentais se delineiam: notadamente Paris-Bruxelas, Paris-Montreal, Nova Iorque-Montreal e Nova Iorque-Nova Orleans, que têm a particularidade de serem corredores midiáticos especialmente importantes, em torno dos quais de estruturam redes secundárias.

Se nos voltarmos para 1900, poderemos já qualificar como madura essa francofonia midiática e afirmar que ela também evoluiu bastante no sentido de uma certa “nacionalização”; paradoxalmente, o nível desigual de interconexão do sistema, bem como a profissionalização do jornalismo, efetivamente provocou compartimentações nacionais mais restritas do que anteriormente. Enquanto nos anos 1840-1850 o sistema de informação funcionava ainda amplamente, como bem mostrou Will Slauter<sup>2</sup>, sob a lógica do “parágrafo móvel”, pequena unidade textual que salta de uma imprensa a outra, de um país, de um continente a outro, retomado sem formalidade, por volta de 1900, a rubrica de “atualidade

---

<sup>2</sup> SLAUTER, W. Le paragraphe mobile: circulation et transformation des informations dans le monde atlantique du 18e siècle. *Annales: Histoire, sciences sociales*, v. 2, 363-89, 2002.

internacional” se torna uma forma bastante consciente de projeção exterior tal qual a concebemos ainda hoje. A imprensa desta época tende a melhor delimitar o espaço nacional no qual ela se forja, a melhor corresponder às realidades locais, geralmente centradas no espaço urbano, ao passo que circunscreve claramente as rubricas internacionais pela ação dos repórteres e correspondentes e pela recepção dos despachos de agências.

Esse grande movimento que anima o conjunto das imprensas francófonas – e, aliás, de todas as imprensas ocidentais – toca, portanto, inevitavelmente o Quebec. Enquanto algumas regiões como Nova Orleans e Nova Iorque perdem importância no sistema francófono de informação, e enquanto o peso relativo da cidade do Quebec se enfraquece no espaço provincial, Montreal se impõe como nó midiático incontornável. Com relação à Europa, Montreal fica em constante interação – quotidianamente, graças ao telégrafo – com Paris. No continente, ela constitui o coração da francofonia americana: ela retransmite notícias à Nova Inglaterra (estados do nordeste americano), ao Oeste canadense e à Acádia, notadamente. Não podemos esquecer que, por volta de 1900, mais da metade dos franco-canadenses moram fora do Quebec, e que grande número deles é de imigrantes quebequenses instalados no nordeste dos Estados Unidos. Em tal contexto, é normal que Montreal constitua um importante polo de interesse e de troca midiática: todos esses mercados secundários se interessam em receber notícias de Montreal. Finalmente, no plano provincial, a cidade de Montreal se impôs definitivamente e seu peso é incomparável aos outros mercados, que ela alimenta com notícias e despachos. Lembremos que numerosos jornais de Montreal eram amplamente difundidos dentro do território quebequense como um todo e que eles dispunham de assinantes no resto do continente. Jornais como *La Presse*, *La Patrie* e, em menor escala, *Le Canada*, passam a fazer o papel de intercessores midiáticos que, em meados do século XIX, era assumido pelo *Courrier de États-Unis* de Nova Iorque. Profissionais e bem financiados, esses jornais se voltam decididamente à informação e à reportagem, preocupados em responder às expectativas de leitores que querem ser mais bem informados sobre as realidades urbanas que os preocupam diretamente.

Por enquanto, ainda conhecemos mal a história da reportagem no Quebec. Na verdade, até hoje não existe nenhum estudo sobre a história desse gênero midiático no Canadá francês; os nomes dos jornalistas que praticaram essa forma de escrita caíram no esquecimento na primeira metade do século XX, e foi somente a partir do *corpus* da romancista Gabrielle Roy, nos anos 1940, que o gênero emergiu à consciência da história literária.

Ora, o procedimento que se deve aplicar para fazer a história das origens da reportagem no Quebec consiste, em primeiro lugar, em estudar os efeitos de hibridação com esse outro gênero modelar do jornalismo que é a crônica, amplamente praticada pelos escritores-jornalistas no século XIX. A crônica foi objeto no Quebec, como em todo o lugar no mundo do jornalismo francófono, de uma adaptação local, e tudo indica que ela tenha sido um dos grandes vetores da globalização midiática. Ela permitia que os jornalistas do Quebec adotassem um tom pessoal e ficcional, fonte da constituição de uma identidade local que reivindicava sua especificidade em relação ao modelo do jornalismo anglo-saxão, seu concorrente bastante próximo. Citemos os nomes de Évariste Gélinas, Hector Fabre, Arthur Buies, Adolphe Routhier, Alphonse Lusignan ou ainda Napoléon Legendre, entre os cronistas do Quebec mais conhecidos no século XIX. A crônica era também, como na França, amplamente praticada por mulheres: antes de Françoise, da qual irei falar mais detidamente, Joséphine Marchand fez-se conhecer também em vários jornais de Montreal no fim do século e, um pouco mais tarde, figuras como Madelaine do *La Patrie*, Fadette no jornal *Le Devoir*, Gaétane de Montreuil de *La Presse* se destacarão no cenário jornalístico.

O segundo aspecto a ser considerado nessa história das origens da reportagem é que, de início, nas suas projeções no exterior do Quebec e através da sua passagem à informação e

à profissionalização, a imprensa quebequense de certa maneira duplicou sua presença no coração do sistema francófono de informação: sua atenção se voltou para a atualidade das grandes regiões francófonas do continente, notadamente a Nova Inglaterra e os espaços de imigração franco-canadenses no centro e no Oeste do Canadá. Da mesma maneira, não é de surpreender que foi visando Paris e a França que a proto-reportagem quebequense se constituiu. A atenção dada às realidades francófonas, continentais e intercontinentais é, portanto, um elemento constitutivo da reportagem franco-canadense, uma forma matriz que engendrará diversas declinações, ao mesmo tempo que o gênero da crônica serve como molde discursivo, com sua tradição e seus lugares comuns, que permite à reportagem progressivamente alçar voo.

## FRANÇOISE EM PARIS

Nesse ponto é preciso, portanto, nos debruçarmos sobre a produção de uma cronista bastante conhecida dos pesquisadores quebequenses, que a consideram, e com razão, uma das pioneiras entre as mulheres de letras franco-canadenses: trata-se de Françoise, cujo nome verdadeiro era Robertine Barry, jornalista reputada do jornal *La Patrie*, onde ela escreveu crônicas entre de 1891 e o início do século XX, tendo fundado em seguida uma revista feminina, o *Journal de Françoise*, que ela dirigiu de 1902 a 1909. *La Patrie* é o segundo jornal de informação mais importante de Montreal, depois do *La Presse*, fundado em 1879 pelo escritor, jornalista e político Honoré Beaugrand, prefeito de Montreal nos anos 1880. Trata-se de um jornal completo, que apresenta atualidades, entretenimento, páginas femininas dirigidas por Françoise. O jornal era bem servido de notícias internacionais, graças principalmente a despachos americanos, e possuía uma edição de sábado amplamente ilustrada.

Por ocasião da Exposição Universal de 1900, *La Patrie* envia Françoise a Paris para cobrir esse grande encontro internacional, de abril a setembro. Além do seu jornal, a jornalista é encarregada de representar igualmente as mulheres canadenses no contexto do Conselho Internacional de Mulheres, que se reúne na capital francesa<sup>3</sup>. As “Cartas de Françoise” (“*Lettres de Françoise*”) que ela redige então para *La Patrie* revelam, ao mesmo tempo, traços de crônica mundana expatriada, de atualidade cultural, de diário de viagem, e de reportagem que vai coletar a opinião dos parisienses durante a Exposição: tal hibridismo, entre crônica e reportagem, repercute materialmente. As “Cartas” se apresentam sem ilustrações, publicadas no centro do jornal em duas ou três colunas; elas são, nesse sentido, crônica. Mas repetidas vezes, o texto de Françoise é precedido da menção “(Serviço especial para “La Patrie”)”, com certas variáveis próximas; esse paratexto coloca, por sua vez, os artigos no campo da reportagem. O próprio título da série, “Cartas de Françoise”, explora a reputação da cronista, como o farão em breve as reportagens calcadas no renome de grandes repórteres.

Tudo se precipita nessa reportagem que não se anuncia como tal, explorando um mundo ao mesmo tempo familiar e distante, francófono mas também cosmopolita, uma vez que estamos imersos na grande feira internacional da Exposição. Nesse estágio de conhecimento, muito fragmentário, da história da reportagem, como já ressaltado, nós podemos afirmar que esse *corpus* representa uma das formas primitivas da grande reportagem quebequense<sup>4</sup>, momento onde se nota um empréstimo de traços poéticos da crônica e onde

<sup>3</sup> Cf. SAVOIE, C. L'exposition universelle de Paris (1900) et son influence sur les réseaux de femmes de lettres canadiennes. *Études littéraires*, v. 2, 17-30, 2004.

<sup>4</sup> Se excluirmos a grande volta ao mundo efetuada em 1901 por Auguste Marion e Lorenzo Prince, para o jornal *La Presse*, como reposta ao desafio lançado por Gaston Stiegler, do jornal *Le Matin* de Paris. O estatuto dessa

esta oferece também, por seu hibridismo genérico, uma certa segurança à mulher jornalista que publica seus artigos em um espaço mediático muito conservador. Para Françoise, trata-se de uma forma de liberação do gênero da crônica que ela praticava até então, uma crônica essencialmente feminina, mundana e frequentemente ficcionalizante.

As “Cartas de Françoise” constituem portanto um marco importante na transição poética que vai levar da crônica à reportagem no Canadá francês. À primeira vista, a viagem não é para Françoise nada além de um “deslocamento” da sua crônica semanal em *La Patrie*. A série propõe de fato a suas leitoras a descoberta de um mundo que se revela finalmente bastante familiar, retraduzido através dos códigos da crônica mundana. O lado exótico da viagem à França é largamente atenuado pela afirmação dos traços culturais que aproximam os dois países, a língua e a história comuns. Paris é evidentemente o lugar emblemático da crônica. Françoise vai ao teatro, frequenta os salões, vai à Academia francesa para a recepção de Paul Hervieu, comenta a atualidade literária francesa; estes são os traços recorrentes da crônica cultural e mundana. Em uma mesma carta, Françoise pode pular de um assunto a outro, dar sua opinião sobre a Exposição, evocar em duas frases uma novidade literária, transportar-se ao teatro, e praticar assim essa forma poética “saltitante” que comumente é a crônica mundana, sem tema bem definido, nem longamente desenvolvido. Frequentemente, sua relação com a atualidade consiste menos em descrever o que ocorreu na capital do que aquilo que parece preocupar os parisienses, o que parece se discutir nas calçadas, nos cafés, como se tratasse de registrar os ruídos, os rumores, a expressão das sensibilidades coletivas: é este também um traço característico da crônica, que finge se imergir no espírito do tempo. Graças a certas ligações com jornalistas e homens políticos franceses, notadamente Louis Herbet<sup>5</sup>, Françoise é admitida em certos salões, como o célebre salão de Juliette Adam, que agrupa, desde o final do segundo Império, diversos intelectuais, escritores, jornalistas e homens políticos. A descrição que Françoise faz deste salão é de fato conforme ao gênero da crônica mundana, elogioso, respeitoso e previsível:

A Sra. Adam celebrou, no domingo passado, sua recuperação com uma grande noite musical em sua esplêndida mansão na rua Juliette Lambert, onde os seus convidados assistiram a uma audição de obras inéditas do Sr. Bourgault, compositor francês cujo nome nos é desconhecido.

Foi uma recepção charmosa onde a graça e o charme da dona da casa exerceram sobre os convidados sua fascinação costumeira.

Sra. Adam, que mereceu ser chamada da mais bela mulher da Europa, sustenta ainda o prestígio desta reputação, e os anos, enquanto colocam em torno da sua testa uma auréola de cabelos grisalhos, não diminuíram em nada o brilho vivo e luminoso do seu olhar.<sup>6</sup>

Em 5 de maio de 1900, ela se encontra em uma grande recepção no Palácio do Eliseu, em companhia do seu “cicerone”, Louis Herbet, evento que se segue à inauguração da Exposição Universal. Ela saúda o Presidente Loubet e sua esposa, comenta sobre a pompa da recepção, maravilha-se ao descobrir o palácio.

Mas sob a pena de Françoise, Paris se transforma também em uma estranha capital cosmopolita. A Exposição Universal apresenta de fato uma ocasião inesperada para a cronista, pois o evento permite multiplicar as pequenas reportagens exóticas, as imersões nos mundos distantes, vizinhos, entretanto, das alamedas parisienses. Françoise nada assim em um universo poliglota; em 26 de maio ela conta a respeito da sua visita ao pavilhão da Hungria:

---

reportagem é bastante particular, pois ela não responde a nenhuma atualidade, apenas à vontade de bater o recorde de tempo de volta ao mundo.

<sup>5</sup> Sobre Herbet, consultar: PINSON, G. (dir.) *Dictionnaire de journalistes du XIX<sup>e</sup> siècle*. Disponível em: <<http://www.medias19.org/index.php?id=13165>>. Acesso em 13 de jul. 2015.

<sup>6</sup> *La Patrie*, 26 de maio de 1900.

“Ao nosso redor, fala-se uma língua bizarra; nós nos sentimos nadando em plena Hungria, sob a proteção de St-Étienne e de Ste-Élizabeth. [...] A um belo Magiar, de dólma azul celeste, bordado de prata, nós pedimos uma explicação [...]”. Em 4 de junho, é na Romênia e depois na Bulgária que ela conta ter estado, concentrando-se, em sua crônica, nas lendas e tradições romenas; em 9 de junho, ela propõe a história da abertura ao público dos pavilhões do Canadá e da Grã-Bretanha, boa oportunidade para reencontrar um mundo mais familiar. E eis que mais adiante, no verão, em 13 de agosto, o calor avassalador que domina Paris produz curiosos efeitos de ecos com os músicos egípcios da Exposição:

Durante esse tempo, as flautas agudas e os tamborins monótonos do teatro egípcio continuam a sua música mais enfadonha, mais estridente do que nunca. Esse calor preenche de satisfação a alma dos exóticos músicos. Ao longo da calçada ardente, seus compatriotas se esquentam complacentemente ao sol com sorrisos felizes. Evidentemente, esses pardos acreditam estar em casa, no meio do deserto ou nas ruas incandescentes de Meca. Eis ao menos alguém aproveita o sol.

Em 18 de agosto, ela descobre com espanto as tribulações do Xá da Pérsia em Paris; ela o percebeu quando ele “atravessava o bulevar Haussman para ir ao palácio dos Soberanos, na avenida do Bosque de Bolonha”, em uma curiosa visão telescópica das tradições e dos costumes, e ao som da “música bizarra do hino nacional persa”. E de repente esse fato, cômico, enquanto o espírito parisiense irrompe novamente no protocolo suntuoso: “Um passante, não longe de mim, gritou de repente, ‘viva a periquita!’ E todo mundo começou a rir no cortejo, alguns ministros morderam os próprios lábios para não compartilhar da hilaridade geral”. Enfim, no final do mês de agosto, vemo-la aproveitando da ilusão de frescor do stand Vilarejo Suíço, encontrando alguns contrastes que ela conheceu no Quebec:

O Vilarejo Suíço é para mim o grande oásis da Exposição. Ele é tão perfeitamente isolado [...] que todo o restante da Exposição desaparece aos olhos, e que não lhe resta mais que a sensação do repouso, da calma, de uma felicidade tranquila e serena longe do barulho e do movimento enervante dos grandes centros. Prova-se destes tipos de emoções quando se sai de Montreal, em um desses dias de calor tórrido, para acordar no dia seguinte banhado no ar puro e estimulante da Malbaie.<sup>7</sup>

Em uma das suas últimas “Cartas”, publicada em 15 de setembro, Françoise se volta enfim à descrição do “Maréorama”, um dispositivo engenhoso que dá aos visitantes a ilusão de viajar no mar a bordo de um navio imóvel, inteiramente reconstituído, acionado por cilindros, ao redor do qual desfila um panorama pintado do Mediterrâneo. Desta “perfeita ilusão”, como escreveu a jornalista, podemos dizer que ela se traduz bem na estranha viagem à qual Françoise convida seu leitor, curiosa reportagem-crônica que multiplica as viagens sem deslocamento, imersa nos ambientes exóticos no coração do espaço familiar de Paris.

## POSTERIDADE

Após a série fundadora de Françoise que explora a Paris da Exposição, situada entre crônica e reportagem, alguns outros jornalistas confirmam esse interesse sobre as realidades francófonas através de poéticas que tocam, desta vez mais claramente, a reportagem. É o caso de Jules Fournier (1884-1918), jornalista de *La Presse* a partir de 1903, depois repórter do *Canada* de 1904 a 1908, para o qual ele efetua uma série sobre os francófonos da Nova

---

<sup>7</sup> Idem, 30 de agosto.

Inglaterra e suas condições de vida. Intitulada “Na casa dos franco-americanos” (“*Chez les Franco-américains*”), a reportagem é publicada em dezoito artigos de 30 de outubro de 1905 a 18 de janeiro de 1906.

Fournier conta suas observações e procura captar “a existência quotidiana” dessas populações através “de longas entrevistas” efetuadas no local, insistindo nos “testemunhos” e nas “fontes” coletadas, como ele mesmo o indica no primeiro artigo (30 de outubro de 1905). Sua reportagem aparece assim como uma análise detalhada de todos os aspectos, sociais, econômicos e culturais, dos franco-americanos do Oeste dos Estados Unidos. A atenção dada a essa realidade, o desejo do jornalista de aprofundar esse tema, de ir ao encontro dessas realidades, são todos traços da grande reportagem. Mas, inversamente, as possibilidades do gênero não são ainda plenamente exploradas: Fournier continua um pouco distante do seu objeto, deixando bastante espaço para a análise e o comentário editorial; ele não se coloca frequentemente em cena ao investigar e, finalmente, ouve-se muito pouco as vozes das testemunhas encontradas. Continua-se, no caso desse texto, dentro de uma espécie de crônica social e política.

Da crônica à reportagem atenta às realidades francófonas, a passagem poética é definitivamente alcançada alguns anos mais tarde, em 1910, pelo jornalista Gilbert Larue. Jovem jornalista que entrou para *La Presse* em 1905, Larue é enviado como repórter, a partir do mês de junho de 1910, para as comunidades francófonas de Saskatchewan, Manitoba e Alberta. Intitulada, “Nossos francófonos do Oeste Canadense” (“*Nos francophones dans l'Ouest Canadien*”), a reportagem goza de um espaço invejável no jornal. Ela é frequentemente publicada na primeira página, no ritmo de uma ou duas por semana aproximadamente (exceto pelo começo, quando o ritmo é mais rápido), e é sempre acompanhada de numerosas fotografias. *La Presse* explora assim o conjunto do dispositivo semiótico característico do gênero: ilustrações numerosas, títulos-faixa que atravessam a página, designação do jornalista como “enviado especial de *La Presse* ao país das Pradarias”, etc.

Mais ainda do que Françoise em Paris, e que Fournier na Nova Inglaterra, Larue explora desta vez todos os recursos poéticos do gênero da reportagem, ampliando os procedimentos do gênero mais timidamente convocados por seus predecessores: ele se coloca em cena ao realizar a sua investigação, descobrindo os lugares e os habitantes de uma região que, apesar de se situar no Canadá, não é menos longínqua; ele faz falarem as testemunhas e reproduz as conversas que teve com elas; ele descreve brevemente pequenas cenas da rua, fatos curiosos, costumes locais que não deixarão de assombrar o leitor montrealense... Como Françoise, Larue joga sem cessar com os efeitos da oscilação entre familiaridade e exotismo, que são as marcas características dessa proto-reportagem, a qual procura assim lembrar a existência de uma identidade francófona, entretanto frágil, tão próxima e tão distante ao mesmo tempo. Por um lado, são sempre os “compatriotas” e “os nossos” que ele encontra, descobrindo por toda parte, com encantamento, pequenas comunidades de quebequenses exilados que recriaram o mundo familiar da paróquia. Por outro lado, o repórter deve também convencer seu leitor e legitimar sua investigação afirmando a distância, a descoberta, a novidade, as lacunas com a realidade dos seus leitores. Ele descobre assim um mundo às vezes ameaçador, conflitos latentes entre católicos e protestantes (21 de junho), ou ainda problemas ligados à concorrência econômica feita pelos imigrantes alemães e americanos “que cercam de todas as partes os Canadenses franceses” (1 de julho). Nesse discurso, o tom da crônica, seus lugares-comuns, seus procedimentos poéticos, são largamente suplantados pelos da reportagem.

\*

Nós saímos da leitura de tal *corpus*, certamente bastante restrito, estabelecendo a seguinte constatação: em uma época onde as informações estrangeiras, na imprensa quebequense, eram essencialmente obtidas de agências de imprensas americanas (a primeira agência canadense só surgirá em 1917), a reportagem acabou se desenvolvendo tardiamente, primeiramente seguindo o rastro poético da crônica, de onde ela tirou alguns de seus procedimentos e dos seus efeitos de familiaridade. Além disso, o que parece ter caracterizado propriamente o nascimento da grande reportagem na imprensa quebequense, seria uma forma de exotismo de proximidade, de onde o privilégio acordado às reportagens sobre as múltiplas realidades francófonas, continentais e internacionais, como veremos ainda nos anos 1940 com Gabrielle Roy, e do qual apenas demos uma breve amostra. Os fatores que explicam esse processo são numerosos, a começar certamente pela situação particular do Quebec no continente norte-americano, incitando os jornalistas a explorar os diferentes espaços que permitiam a articulação de uma convivência cultural e linguística. Seria preciso também não negligenciar o fato de que historicamente, ao longo do século XIX, a carreira jornalística de numerosos cronistas se estendeu sobre o conjunto de regiões francófonas do continente, alguns Canadenses franceses participando ativamente dos jornais da Nova Inglaterra, da Louisiana ou de outros lugares, sempre com essa atração pela França, que os mais célebres cronistas, como Arthur Buies, Hector Fabre, certamente Françoise e igualmente Jules Fournier vão descobrir e integrar a suas crônicas. O jornalismo quebequense do século seguinte talvez se mostre herdeiro desse imaginário “francófono”, justamente no momento em que começa a experimentar com suas primeiras reportagens.

Em última análise, essas reflexões são ainda hipóteses que devemos verificar a partir de um *corpus* mais amplo. Na medida em que a história literária, geralmente voltada para dentro das fronteiras do Quebec, teve pouco interesse em explorar esses fenômenos de circulação midiática e a constituição dessa francofonia continental e intercontinental, muito ainda resta a decifrar. Por essa razão, o presente tema é de extrema importância.

Recebido em: 09 de julho de 2015.

Aceito em: 29 de julho de 2015.